



O gaúcho na tela: a representação da identidade cultural regional na série Histórias Curtas¹

Adriana Domingues Garcia²
Profª Dra Sibila Rocha³
Profª Ms Daniela Hinerasky⁴

O objetivo do presente trabalho foi analisar a representação da identidade cultural gaúcha e as tendências na construção dessa identidade, através da série Histórias Curtas, exibida pela Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV), desde 2003. O estudo apresenta reflexões, do conjunto dos episódios analisados, sobre tendências de dramaturgia de TV em uma série específica, num contexto sociocultural e histórico, o qual está representando/apresentando o Rio Grande do Sul e os gaúchos, em um momento de mudanças em vários âmbitos da sociedade. Parte-se de dois indicadores que sinalizam novas possibilidades de utilização/inclusão de elementos de representação: a experiência de um formato incomum e diferenciado de teledramaturgia e série no Brasil, com a produção de curtas-metragens para TV, e seu horário de exibição - a hora do almoço, como resposta à situação sociocultural, histórica e econômica.

Palavras-chave: Representação; Identidade Cultural Gaúcha; Teledramaturgia

Introdução

A televisão é um mecanismo importante na constituição das identidades culturais, por ser um veículo de vasta abrangência e fácil acesso. O campo televisual pode revolucionar as relações humanas. Neste panorama, o papel que ele exerce na vida cotidiana dos indivíduos, adquire significância particular. Parte-se da idéia de que as identidades culturais não são somente construídas socialmente, mas também, pela mídia.

De acordo com Hall, a identidade cultural na pós-modernidade encontra-se em movimento:

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior - Mediações e Interfaces Comunicacionais, do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 2007.

² Acadêmica do Curso de Comunicação Social: Jornalismo – Unifra/RS (Centro Universitário Franciscano), Bolsista de Iniciação Científica (PROBIC) do Projeto “Tendências de produção de teledramaturgia em emissoras regionais: um estudo de caso da série Histórias Curtas”. E-mail: adriana.d.garcia@bol.com.br

³ ROCHA, Sibila. Professora nos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Unifra/RS (Centro Universitário Franciscano). Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS – São Leopoldo/RS. sibila@unifra.br

⁴ HINERASKY, Daniela Aline. Professora nos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Unifra/RS (Centro Universitário Franciscano). Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS - Porto Alegre/RS, jornalista pela UFSM (2000). dhinerasky@hotmail.com



A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2004, p. 12 e 13).

Nesse sentido, as identidades são constituídas e reconstituídas no interior da representação. As pessoas são colocadas diante de várias representações identitárias, com as quais podemos nos identificar – ou não –, ao menos temporariamente.

Dos telejornais às histórias curtas na TV

No Rio Grande do Sul, a principal emissora – a *RBS TV*⁵ –, afiliada à *Rede Globo* (ambas estão entre os principais grupos de comunicação de país), é pioneira no Brasil na programação⁶ regional, a partir de 1969, e responsável por cerca de 10% do total daquela. A estratégia de programação em telejornais e programas especiais (e também por meio de eventos e campanhas institucionais), cujo objetivo principal é fortalecer a imagem da Rede e manter e conquistar a audiência, é reforçada através do estímulo à participação dos telespectadores e do destaque à cultura regional⁷ e à história do Estado, que sintetiza um dos enfoques pretendidos na programação ao longo da história.

⁵ A *RBS TV* faz parte do grupo *RBS (Rede Brasil Sul de Comunicação)*, considerado o terceiro maior conglomerado de comunicação do Brasil. O grupo caracteriza-se por atuar em vários segmentos de mídia. Possui 18 emissoras de televisão (todas afiliadas à *Rede Globo*), estações de rádio distribuídas no Estado e em Santa Catarina pela Rede Gaúcha Sat (são 123 emissoras afiliadas em 10 Estados), dois canais de TV segmentados (*TV COM* e o *Canal Rural*), seis jornais, uma revista mensal – a *Revista Atlântida*, a *RBS Vídeo* – empresa de finalização de comerciais; um portal na Internet com conteúdo regional – o *ClicRBS*; a *RBS Publicações*; uma empresa de marketing de precisão – a *RBS Direct*; uma gravadora de CDs para bandas de música gaúcha – a *Orbeat Music* e uma empresa de logística – a *viaLOG*. Estas últimas desde 2001. Também está presente em Brasília, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo em determinados segmentos. Adquiriu em 2006 uma rádio FM na cidade de São Paulo.

⁶No espaço de produção regional, o jornalismo prepondera, com aproximadamente duas horas diárias, distribuídas entre quatro telejornais: *Bom Dia Rio Grande*, *Jornal do Almoço*, *Globo Esportes* (bloco local) e *RBS Notícias*. A programação de final de semana contempla diversas produções. Aos sábados, há programas regionais veiculados pela manhã, como o *Vida e Saúde* (30 min) e o programa de culinária *Anonymus Gourmet* (30 min), além do *Patrola* (corpus desta pesquisa) e as séries de documentários (*Histórias Extraordinárias*, *Aventura* etc) e/ou curtas-metragens. Aos domingos, é veiculado o *Campo & Lavoura*, o musical regionalista *Galpão Crioulo* e telejornal de variedades *Teledomingo*, além do programa dedicado ao futebol, o *Lance Final* (30 min). Informações completas sobre a história da emissora e da programação ver em JACKS, Nilda. 1998; 1999; RONSINI, Veneza V. M., 2002, 2004; HINERASKY, 2001, 2003, 2004, 2005.

⁷ A cultura regional é entendida em sentido amplo, sendo a que “abrange todos os níveis de manifestações de uma determinada região que caracterizam sua realidade sociocultural” (JACKS, 1998, p. 19), incluindo as de caráter erudito, popular e massivo.



Por sua vez, no final dos anos 90, começam a ser pontuadas mudanças na grade, quando alguns programas jornalísticos deixam de ser produzidos e são criados novos, de outras temáticas e voltados ao entretenimento – mas ainda com caráter regional –, como programa para jovens, como o programa semanal *Patrôla* e outras produções terceirizadas e/ou feitas regularmente pelo Núcleo de Especiais da emissora que abordam temas contemporâneos, ligados ao cotidiano urbano, apresentando propostas para atender demandas específicas da audiência.

Ao estudar a programação da rede gaúcha, Hinerasky (2004) elenca traços marcantes na grade da *RBS*, cujo enfoque transita entre as representações tradicionais/oficiais do gaúcho nas séries e documentários históricos (*Mundo Grande do Sul*, *Memória Especial*, *Histórias Extraordinárias e Continente de São Pedro*, *5X Érico*, *Teixeirinha*, etc) e o contemporâneo (*Curtas Gaúchos*, *Contos de Inverno*, *Histórias Curtas*, *Aventura*, *Fábulas Modernas*, *Pecado Capital*, *Quintana: um anjo poeta*, etc), desde os anos 2000. Consolidou-se uma programação com projetos de formatos e gêneros diversificados – documentários (retomada de produções especiais com reconstituições de períodos históricos e costumes), dramaturgia, programas de entretenimento, revista eletrônica e até musicais – delineando tendências na programação da emissora, para além do jornalismo.

A programação especial da *RBS TV*, portanto, concentra-se em três tendências principais: permanência de programas de cunho cultural/histórico, programação para jovens e produção de dramaturgia” (HINERASKY, 2004), esta última, a mais significativa, diferencia a emissora de outras redes regionais até hoje. Foi através de um intercâmbio com os realizadores de cinema do estado, que a emissora iniciou a exibição de curtas-metragens produzidos independentemente por estes profissionais, através de uma série denominada *Curtas Gaúchos*. Com o êxito deste projeto, investiu em episódios de curta duração em co-produção com produtoras locais, realizando dramaturgia própria para sua grade [a série *Contos de Inverno*]. No ano seguinte, em 2001, a partir deste “filão”, a emissora lançou uma nova série - *Histórias Curtas* - através do projeto “*Prêmio RBS TV para Histórias Curtas*”, um concurso público que seleciona oito obras audiovisuais de ficção, de tema livre, com estrutura e conteúdo de dramaturgia, com o mínimo de 12 (doze) e o máximo de 15 (quinze) minutos de duração.

Conforme Hinerasky (2004, p. 39), *Histórias Curtas* é a experiência de um projeto peculiar não apenas por ser um formato incomum de teledramaturgia no Brasil, com a



produção de curtas-metragens para TV, como também pelo seu horário de exibição - na hora do almoço (12h 20min) -, que no RS é considerado “horário nobre”, cristalizado pelo programa *Jornal do Almoço* já há mais de 30 anos. Nessa direção, trata-se de uma resposta a uma situação regional, ligada às próprias características sócio-econômicas, históricas e culturais do Estado.

O *Prêmio RBS TV Para Histórias Curtas* é um projeto inédito no Brasil, segundo os profissionais da própria *RBS*, pois é a única proposta de programação de TV que financia episódios de curtas-metragens. Além disso, trata-se de um formato inovador e diferenciado, adaptado à grade de produção regional de uma emissora afiliada à cabeça de rede nacional da principal emissora do país, com um espaço de tempo delimitado pelas exigências mercadológicas e pelo *Padrão Globo de Qualidade*.

As séries de ficção da *RBS TV* acabaram por consolidar um espaço para a dramaturgia fora do eixo Rio-São Paulo e dos horários normais de exibição (14h, 18h, 19h, 21h) desse gênero nas grades das redes de TV nacionais e recriam/renovam o conceito de “série” por se diferenciar das séries televisivas em algumas características básicas (trama central e mesmo núcleo de personagens), não só no caso de *Histórias Curtas*, como também *Contos de Inverno*, pois ambas exibem diferentes narrativas de curta duração, independentes entre si, com temas próprios. O que une um episódio ao outro é o título das séries.

Ainda que as temáticas, conteúdos e abordagens dos episódios sejam superados pela própria constituição da grade de programação regional da *RBS* (no horário de exibição) e pela movimentação⁸ do programa para outras esferas da cultura e da sociedade, por estabelecer um espaço/ambiente identitário abrangente, conforme observado em estudo anterior (HINERASKY, 2004), refletir sobre as propostas e ênfases das representações socioculturais dos gaúchos, não só pode revelar traços culturais como apontar tendências na teledramaturgia da *RBS TV*.

Isto posto, tendo como base a pesquisa de HINERASKY (2004) realizada acerca da série nas duas primeiras edições (2001 e 2002), analisa-se a representação da

⁸ É significativo evidenciar o movimento que se cria em torno do Projeto da série, ou seja, todo o conjunto de ações e estratégias da emissora que dão visibilidade à série e mobilizam a audiência, com a participação dos outros veículos do grupo, através da ampla divulgação do concurso e dos episódios na sua programação, nos jornais, rádios e na *TVCOM*. Todos os anos, desde a estréia da série, há chamadas na programação, são veiculadas matérias, reportagens e anúncios no jornal *Zero Hora* e nas rádios do grupo, o portal *clicRBS* dispõe informações sobre o regulamento e, também, roteiristas e diretores participam de programas e entrevistas para falar dos episódios. Além da divulgação, a emissora estimula a participação dos telespectadores no concurso e propõe votações interativas pelo telefone, fazendo campanhas para a escolha do melhor episódio e, ainda, promove festas de entrega aos premiados. Com isso, a *RBS* incentiva a teledramaturgia no Rio Grande do Sul, movimentando e envolvendo o mercado de atores, profissionais audiovisuais e técnicos da área.



identidade cultural especialmente desde a edição de 2003, no intuito de descobrir como este formato particular de teledramaturgia, situado em um contexto sociocultural e histórico está representando/apresentando o Rio Grande do Sul e os gaúchos.

A simples constatação de uma tendência de teledramaturgia inserida na grade de programação da RBS assegura, para além da multiplicidade de vozes representativas do universo gaúcho, a atribuição de uma diversidade de sentidos possíveis a respeito das representações da identidade cultural gaúcha. Optou-se pelo estudo da série *Histórias Curtas* não só pelas especificidades do programa, pelo retorno editorial da RBS e pela sua continuidade na grade desde o lançamento, mas também porque tais produções audiovisuais revelam a posição da emissora em relação à identidade cultural do estado.

Estudou-se, então, o desenvolvimento de um projeto de teledramaturgia – o Prêmio/série *Histórias Curtas* na *RBS TV* (localizada no Rio Grande do Sul/RS), que desde o ano 2000 tem realizado experiências nesta área. Nessa direção, o estudo deteve-se nas características (temáticas, enfoques, etc) dos episódios e edições da série, para compreender, em sentido amplo, o “movimento” recente da(s) estratégia(s) do grupo acerca da programação televisiva.

Os procedimentos metodológicos

A proposta metodológica deste estudo buscou ferramentas para compreender marcas da representação da identidade regional nos episódios da série *Histórias Curtas*, através de alguns elementos visíveis/materiais da dramaturgia. Realizou-se, então, a coleta de dados (sinopses, matérias nos jornais do grupo RBS, página da web do projeto⁹, arquivos e gravação dos episódios, etc) para dar conta da descrição dos 32 episódios veiculados entre os anos de 2003 a 2006, a partir de categorias analíticas definidas anteriormente, quais sejam: gêneros, temáticas e cenários.

Entende-se o conceito de *gênero*, a partir de Mikhail Bakhtin (apud MACHADO, 2001), “como um modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras”. Neste estudo, portanto, apresenta-se os gêneros cinematográficos como um “enquadramento teórico” capaz de orientar os usos de linguagem, onde se manifestam/concretizam tendências

⁹ <http://www.clicrbs.com.br/historiascurtas>



estáveis e organizadas de uma realidade social. Observa-se os *gêneros* no sentido de identificar possíveis elementos simbólicos que remetam à cultura regional.

A segunda categoria diz respeito às *temáticas* dos episódios, na qual observam-se o(s) tema(s) principal(is) dos episódios e aqueles recorrentes durante os diferentes anos. A observação dos *cenários*, que compreendeu os ambientes (Urbano/Rural, Interior/Capital, Litoral, Interno/Externo etc), paisagens, cidades, locais e até objetos da cenografia, procurou-se indicar que traços e sentidos tais elementos representam (ou não) da identidade cultural regional.

Através das categorias, a análise da série permitiu algumas leituras interpretativas de elementos de um universo implícito que nos permitem pensar as Histórias Curtas como tendência de uma manifestação da cultura regional, sem descurar que estas “linguagens” estão engendradas dentro de um circuito cultural e são um produto cultural reconhecidamente comercial, mas que nas entrelinhas trazem as marcas da(s) identidade(s) regional(s).

Gêneros e temáticas dos episódios

Entre 2003 e 2006, a análise quantitativa dos gêneros apresentados na série *Histórias Curtas* mostra a predominância da *comédia*, com quatro episódios no ano de 2003 (*Sobre Aquele que Nada Fazia e um Dia Fez, Paris ou Rubis, Control Z e Francisca a Rainha dos Pampas*); também quatro no ano de 2004 (*De Corpo Presente, Feliz Ano Novo, Meu Velho, Salão Aurora e Viajantes*); cinco episódios em 2005 (*Amor à Primeira Vista, Café da Tarde, Foi Onde Deu pra Chegar de Bicicleta, Álbum da Copa e Versículo*); e três episódios em 2006 (*Megaman, É pra Presente e A Oitava*). Esses dados apontam que a supremacia do gênero comédia sobre os outros gêneros pode ser relacionada pelas próprias especificidades do programa, especialmente o horário e o dia da semana em que é veiculado.

A derivação do gênero comédia, que apresenta como fundo uma história de amor em uma perspectiva humorística (a comédia romântica), aparece em 2003 (*Pessoas Incertas*); em 2005 (*Me Apaixonei Ontem, entre 21h e 23h*); e em 2006 (*Diferente e Verso Inverso*). O ano de 2004 não possui episódios desse gênero.

Drama, por sua vez, é outro gênero apresentado pela série, totalizando oito episódios dos 32 analisados (*Perfeição, Ponto de Vista, Colapso, De 10 a 14 anos, O Encontro, Fazendo Um Novo Fim, Reencontro e Desaparecido*). Já o gênero *Suspense*



aparece em três episódios (*Estrada, No Balanço e O menino e o Santo*), enquanto o romance categoriza apenas um episódio (*Descompassado Coração*).

A construção dos episódios se configura através de um enredo/tema principal, que normalmente se estrutura como eixo do episódio. Deste fio condutor, nesses quatro anos da série, surgem temáticas diversificadas que permeiam a narrativa e tratam de assuntos cotidianos, aliados a valores subjetivos implícitos neste tema principal. Desta forma, as narrativas diferem quanto ao tema e a abordagem, mas estão relacionadas ao gênero adotado em cada episódio.

O levantamento demonstra que os episódios utilizam várias maneiras de representar um mesmo tema, como exemplo, o amor entre casais ou o sentimento que une duas pessoas de sexos opostos, ou iguais. Essa diversidade/pluralidade é resultante, mais uma vez, das características do programa, inicialmente um concurso que elege diferentes profissionais para dirigir os episódios. A série, portanto, não se permite uma uniformidade de abordagem de assuntos e/ou estética.

Neste sentido, identifica-se que a abordagem da temática *amor* é trabalhada em todos as suas possibilidades: a busca (*Amor à Primeira Vista*), a iniciação (*Pessoas Incertas, De 10 a 14 anos*), a descoberta (*O Álbum da Copa*), o platonismo (*Ponto de Vista*), a não correspondência (*Descompassado Coração, Verso Inverso*), a relação breve ou longa (*De Corpo Presente, Fazendo um novo Fim*), a crise (*Perfeição*), a separação (*Me Apaixonei Ontem, entre 21h e 23h*), o desconsolo da morte do parceiro (*No balanço*), a submissão do parceiro (*De Corpo presente*) e o homossexualismo (*A oitava*).

Ainda sobre o tema *amor*, ele se materializa através de diferentes ordens de representações: como no curta-metragem *Me Apaixonei Ontem, entre 21h e 23h*, que trata da separação de casais, início e crise de relacionamento; e em *Diferente*, que apresenta o platonismo, a não correspondência e a descoberta de um novo amor.

Também a temática amizade é representada de formas diversas: a rivalidade (*Verso Inverso, Francisca a Rainha dos Pampas*), a cumplicidade (*Megaman*), o companheirismo (*De 10 a 14 anos*), os gostos e amores em comum (*Pessoas Incertas*) e o reencontro (*Diferente*).

Para além destes temas nomeados, outros podem ser elencados: a superação no mercado de trabalho (*Aquele que Nada Fazia e um Dia Fez*); desejo de ascensão social (*Paris ou Rubis*); fé e religião (*O Menino e o Santo*); culinária (*A Oitava*); a morte (*Foi Onde Deu pra Chegar de Bicicleta*); o negativismo (*Colapso, Desaparecido*);



informática e esoterismo (*Control Z*); inovação e modernidade (*Salão Aurora*); tradição gaúcha e homossexualismo – travestis disputando um concurso de prendas¹⁰ (*Francisca, a Rainha dos Pampas*), estrangeirismos (*Feliz Ano Novo, Meu Velho*) e existencialismo (*De 10 a 14 anos*).

Os cenários dos curtas

Os cenários onde são ambientados os episódios da série *História Curtas* são peculiares, nada rígidos, porém. Eles transitam com facilidade entre a Capital e Urbano (22 episódios); Capital e Urbano/Interior Rural (cinco episódios); Interior Rural (dois episódios); Litoral (dois episódios); Interior Urbano (um episódio). Isso significa pensar que os ambientes que servem de *cenário* aos episódios analisados entre 2003 e 2006 são na maioria (30 episódios) em cidades, indicando a tendência urbana da série. De qualquer forma, o espaço externo não se mostrou o elemento mais significativo dos episódios, pois em vários deles não há ênfase a cenas externas. Assim, na constituição geral da série, ao longo dos anos, observamos que o Estado não foi representado por uma diversidade de cidades e paisagens.

Dos 32 episódios entre 2003 e 2006, 22 utilizam Porto Alegre como a locação principal, identificada através de elementos representativos da Capital, tais como o centro da cidade, as ruas tradicionais e o transporte coletivo urbano, locais de lazer, como parques, bares, cinema e restaurantes (re)conhecidos dos gaúchos. São eles: *Colapso*; *O Encontro*; *Salão Aurora*, *À Primeira Vista*, *Café da Tarde*, *Control Z*, *Ponto de Vista*, *Descompassado Coração*, *Perfeição*, *Me Apaixonei Ontem, entre 21h e 23h*, *Álbum da Copa*, *Desaparecido*, *É pra presente*, *No balanço*, *Diferente*, *A Oitava*, *Verso Inverso*, *Megaman*, *Paris ou Rubis*, *Sobre Aquele que Nada Fazia e Um Dia Fez*, *Pessoas Incertas* e *Reencontro*.

A legitimidade do espaço Porto Alegre é representada sob diversos ângulos nesses episódios, como por exemplo: as ruas e praças arborizadas e a movimentação de pessoas no centro da cidade, os telefones públicos e os táxis vermelhos (*Sobre Aquele que Nada Fazia e Um Dia Fez*, *Ponto de Vista*, *Pessoas Incertas* e *Diferente*); bairros residenciais (*Control Z* e *Desaparecido*); parques e bares (*Descompassado Coração*,

¹⁰ “Prenda” é a namorada, a moça gaúcha, num sinônimo de jóia ou valor muito estimado. O termo talvez tenha sido trazido ao Rio Grande do Sul pelos colonos dos Açores - Associação Brasileira dos Organizadores de Festivais de Folclore e Artesanato (<http://www.abrasoffa.org.br/folclore>). Há também concursos, que escolhem moças para representarem uma entidade tradicional, como um CTG.



Ponto de Vista, De Corpo Presente, Me apaixonei Ontem, entre 21h e 23h, No Balanço); galeria de exposição de arte (*A Oitava*); supermercado (*Amor À Primeira Vista*); escola (*Megaman*); e livraria (*É Pra Presente*).

A capital e o interior são utilizados, simultaneamente, como cenário em cinco curtas-metragens (*Francisca, a Rainha dos Pampas, Estrada, Viajantes, Fazendo um Novo Fim e De corpo presente*). Em *Francisca Rainha dos Pampas*, por exemplo, a história ocorre na região metropolitana de Porto Alegre (boate gay), na ponte do Guaíba e em uma cidade do interior, em um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), além de uma lavoura de repolhos. Esses elementos de paisagem contrastam com o enredo da história, que apresenta três transformistas concorrendo em um concurso de Prenda Farroupilha.

Já o ambiente de cidade do interior do estado e meio rural foi evidenciado em apenas dois episódios (*O Menino e o Santo e Versículo*) do corpus. A paisagem de cidade do interior em meio urbano se observa em um episódio somente (*Feliz Ano Novo Meu Velho*). O litoral aparece em dois cenários dos episódios analisados (*Foi Onde Deu pra Chegar de Bicicleta e De 10 a 14 Anos*).

O interior do Estado, em meio rural aparece em apenas dois episódios. Merece destaque *O Menino e o Santo*, em que os elementos formam uma unidade muito representativa do meio rural, agregam paisagem (estrada de chão, mato, tapera, arvoredos, casas simples), costumes, hábitos, valores, comportamentos pertencentes a esse meio. Esse curta-metragem nos permite a interpretação de um autêntico espaço rural. O outro episódio, *Versículo* é uma viagem que ocorre em uma rodovia localizada no interior do Estado.

Na análise da ambiência dos episódios da série *Histórias Curtas* pode-se definir alguns encaminhamentos. Um deles é que, talvez a concentração da produção de cenários na capital e o baixo número de episódios fora de Porto Alegre dê indícios de que a realização dos roteiros é mais viável na capital, no que diz respeito ao orçamento da obra.

As representações sociais

As análises dos temas, gêneros e cenários revelados nos episódios da série *Histórias Curtas* apontam, em nível macro, o cotidiano do universo humano e a multiplicidade de experiências vivenciadas. Em nível micro é o registro de marcas de uma cultura regional que podem ser compreendidas através da forte identidade regional.



Nesse sentido, estas representações da cultura regional via episódios da série foram entendidas à luz do suporte teórico dos Estudos Culturais, que permite o entendimento das categorias de identidade social/cultural e representação social.

Nesta perspectiva “a cultura deve ser estudada dentro das relações sociais e do sistema que a produz e consome, daí o entrelaçamento entre o estudo da sociedade, da política e da economia”, como elucida Ana Carolina Escosteguy (2001, p. 194). A cultura é, portanto, parte constitutiva do “político” e do “econômico”, “da mesma forma que o ‘político’ e o ‘econômico’ são, por sua vez, parte constitutiva da cultura e a ela impõem limites. Eles se constituem mutuamente - o que é outra maneira de dizer que se articulam um ao outro” (HALL, 1997a, p. 34). De um lado, esse enfoque contribui para o entendimento não só das práticas e representações socioculturais, como dos direcionamentos e lógicas de programação de emissoras regionais.

Vale reforçar que a pesquisa só pode ser realizada porque a série *Histórias Curtas* é entendida sob o ponto de vista da representação e analisada a partir dos episódios ou textos de ficção, considerados “textos de identidade” (BUONNANNO, 1999). Entende-se que as identidades são construções sociais conformadas no âmbito da representação¹¹ - possuem um caráter simbólico e social -, por isso, dependem das relações e interações entre os grupos (produtores e audiência) e de traços culturais compartilhados pelos membros desses grupos, visto que estão inseridas em um contexto social.

O processo de representação é aquele em que os membros de uma cultura usam uma linguagem para produzir significados. Stuart Hall (1997) explica que concedemos significado às coisas em nossas práticas e relações diárias e na variedade de veículos de comunicação, através da forma como as representamos, ou seja, por meio daquilo que pensamos, das palavras que usamos, das imagens que produzimos, das emoções que associamos às mesmas, das histórias que contamos sobre essas coisas, dos valores que lhes damos. Dessa forma, as representações produzem significados por meio daquilo que faz sentido à nossa experiência e a nós mesmos, podendo também criar possibilidades para construir o que somos e o que podemos vir a ser. Nessa dinâmica, discursos e formas de representações constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem posicionar-se e de onde podem falar. As representações, portanto,

¹¹ A representação é também o processo social de dar sentido a todos os sistemas de significação (representação) disponíveis: fala, escrita, imprensa, pintura, desenho, fotografia, sistemas de telecomunicação, cinema, televisão etc e, portanto, é “marca ou traço visível, exterior”, conforme Tomaz Silva (2000, p. 90). Tais sistemas de representação são traduzidos em dimensões espaciais e temporais, expressos através de textos, imagens, expressões orais, diálogos, objetos etc, conforme Hall (1997).



compreendidas como um processo cultural, de acordo com Kathryn Woodward (2000, p. 17), estabelecem identidades individuais e coletivas.

Os meios de comunicação, através dos formatos dos programas, das narrativas de telenovelas, de episódios como da série *Histórias Curtas* e até de peças publicitárias, por exemplo, ajudam a formar identidades, as quais podem ser apropriadas (ou não) pelo público. Eles dão informações socioculturais sobre como ocupar um lugar como sujeito, a partir das representações como referência: uma modelo famosa, uma mãe dedicada, uma banda de *rock* de sucesso, um adolescente em crise, etc – imagens com as quais podem se diferenciar ou identificar.

Seguindo o raciocínio, as representações da cultura de um grupo, em diferentes sistemas, como um programa de TV, “são uma prática simbólica que dá significado ou expressão à idéia de pertencimento a uma cultura nacional, ou identificação com uma comunidade local [...] Representação é certamente ligada tanto à identidade, quanto ao conhecimento” (HALL, 1997, p. 05). No caso dessa pesquisa, a representação está ligada à idéia de pertencimento ao Rio Grande do Sul, à sua cultura e identidade regional. Partimos da idéia de que as cenas, imagens, situações, locais/cenários, destacados nos episódios, que mostram hábitos, atitudes, comportamentos, modos de falar dos moradores do Rio Grande do Sul (ou de fora daqui), quer seja tradicional ou contemporâneo são parte da linguagem desta identidade, de um discurso de pertencimento regional, compartilhada tanto por produtores quanto pelos telespectadores da programação.

Considerações finais

O estudo rodeia a teledramaturgia da *RBS* em uma tendência contemporânea para as emissoras regionais em função do êxito do projeto. Além disso, confirma o pressuposto de que tais programas são espaços experimentais para visualização de expressões da cultura gaúcha e, concordando com Martín-Barbero (2001), capazes de proporcionar uma experiência moderna de reconhecimento e identidade/identificação, tendo em vista o resgate/releitura de traços identitários, através de representações de situações cotidianas.

Mais do que consolidar um lugar para a dramaturgia fora do eixo Rio-São Paulo e dos horários normais de exibição desse e recriar/renovar o conceito tradicional de



“série” (HINERASKY, 2004), a proposta refrata em outros âmbitos. Ao promover o concurso (*Prêmio RBS TV Para Histórias Curtas*), a emissora permite, de certa forma, que profissionais autônomos do mercado audiovisual participem da construção da grade de programação e, assim, complementa, também, uma de suas diretrizes e funções editoriais e políticas.

Por outro lado, desde 2001, os episódios permitiram experimentações que resultaram em episódios bastante diferentes entre si. Ainda que tenhamos verificado características recorrentes, o que há de comum é a heterogeneidade, tanto em relação a temas quanto estética ou linguagem. Apesar de não termos nos detido em aspectos da linguagem audiovisual, observou-se que os episódios apresentam uma linguagem “moderna/atual”, dinâmica e jovem, cujos estilos narrativos e gêneros são variados e, não raro, absorvem elementos formais do cinema, do videoclipe, da animação, da publicidade, da computação gráfica, das telenovelas etc. Especificamente no que diz respeito aos gêneros, predominam as comédias, num total de 28, entre os 48 episódios (incluindo a série partir de 2001).

Analisando o conjunto dos episódios a partir das categorias analíticas propostas (gêneros, temáticas e cenários), confirmamos que a série não possui uma representação única sobre a identidade gaúcha, mas uma diversidade que transita entre o contemporâneo e o tradicional, o urbano e o rural, a capital e o interior do Estado, entre o nacional, o regional e o internacional inclusive. Trata-se, portanto, de um espaço de cruzamento por onde circulam distintos aspectos, manifestações e interferências culturais. Por sua vez, o contexto urbano é o eixo principal da identidade gaúcha representada desde o primeiro ano da série, visto que a maioria das histórias ocorre em cidades. Verificamos a valorização das zonas urbanas, principalmente de Porto Alegre, em detrimento das áreas rurais.

A maioria trata de temas da vida cotidiana atual das cidades. As histórias apresentam assuntos variados, mas verificamos a existência de temáticas centrais, entre as quais: sentimentos, relacionamentos, questionamentos existenciais e reflexões pessoais, com destaque para aqueles relacionados aos jovens. Desde o primeiro ano da série (2001) observou-se que as produções despontam diferentes imagens da identidade regional, através da exibição de séries diversificadas a cada ano e sem um fio condutor determinado; por sua vez, com alguns eixos.

Esses apontamentos podem ser feitos, de um lado, em função do regulamento do concurso *Prêmio Histórias Curtas* que propõe a inscrição de projetos de “tema livre”, e

não delimita/especifica uma proposta em relação a temáticas das histórias, nem prevê a necessidade de assuntos relativos a aspectos regionais. De outro, a presença, no júri de um representante da área audiovisual (de fora do Rio Grande do Sul), com a justificativa da necessidade de uma opinião isenta, de quem não tem envolvimento com o cotidiano estadual demonstra que, neste projeto, a *RBS TV* não prioriza histórias com conteúdo ou enfoque regional.

Segundo os profissionais da emissora, a principal preocupação está na escolha de temas adequados à audiência do horário – “de classificação etária livre” – que por abranger todas as idades, não devem exibir cenas de violência excessiva ou sexo, por exemplo. Por outro lado, o regulamento do concurso delimita a produção, porque o valor do prêmio (até 2005, R\$ 25 mil reais; a partir de 2006: R\$ 30 mil reais) exige roteiros adequados ao orçamento, restringindo os investimentos em equipe, elenco, cenografia, viagens e faz circunscrever a maioria das histórias em âmbito local, principalmente na região metropolitana de Porto Alegre (onde estão as produtoras e os diretores classificados). Assim, mesmo que o enredo e a temática dos episódios classificados sejam universais, as características do concurso e a lógica de produção acabam configurando a sua inserção regional.

O desejo de ascensão social e financeira, religião, a vida cotidiana frente às inovações, além de abordagens de críticas sociais, como problemas financeiros, desigualdades, desemprego, corrupção/violência também foram assuntos recorrentes e circundaram o tema central de mais da metade dos episódios. Isso demonstra que os diretores – intencionalmente ou não – dão visibilidade a certos assuntos, comportamentos, problemas e discussões, através de assuntos principais ou implícitos a estes, mas que revelam certas preocupações pessoais, sociais ou geracionais deles com aspectos e áreas importantes da sociedade.

Apesar da recorrente associação temática entre a zona rural e a identidade gaúcha, a série *Histórias Curtas* reelabora e atualiza, na televisão, a zona urbana como um espaço de construção identitária, como faz uma vertente do cinema gaúcho a partir da segunda metade da década de 70. Entre os motivos que apontam as tendências urbana, jovem e, em certo sentido, contemporânea na construção da representação da identidade gaúcha nesta série, destacamos alguns, entre os quais: a maioria dos roteiros escolhidos apresenta histórias atuais, situadas em cidades; as produtoras dos projetos classificados estão localizadas prioritariamente em Porto Alegre; o valor do prêmio restringe a



amplitude da produção e faz com que os episódios privilegiem locações internas em função dos custos; e, por último, os diretores dos projetos classificados são profissionais relativamente jovens, vários no início da carreira, com formação em Comunicação Social e origem urbana. Nesse sentido, acreditamos que as histórias reproduzem uma concepção geracional de identidade.

Por fim, *Histórias Curtas* é um projeto que evidencia que na televisão não são apenas os interesses ideológicos e econômicos que prevalecem, em que apenas se comercializam e consagram formatos. Trata-se de um projeto que comprova que se criam novos formatos e, também, se (re)faz cultura, e se renovam as narrativas, num cruzamento entre a memória coletiva e as condições mercadológicas (MARTÍN-BARBERO, 2001). Nesta via, não se pode dizer que o programa traz representações do Rio Grande do Sul inteiro tendo em vista suas variadas naturezas, valores, degraus sócio-econômicos, culturas etc. Por outro lado, certos grupos ou parte do Estado, é bem provável que se reconheça e/ou se identifique em alguma parcela dos episódios, os quais apresentaram diferentes modos de “ser gaúcho”, revelando que as identidades estão associadas a representações já assumidas no passado, e que também são capazes de adaptar-se às condições contemporâneas nos contextos em que se inserem.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular da idade média no renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. 2001. **TV Regional: Trajetória e Perspectivas**. Campinas, Alínea.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação - elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUONANNO, Milly. **El drama televisivo: identidade y contenidos sociales**. Barcelona: Gedisa, 1999.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1995.

_____. **Cultura y Comunicación: entre lo global y lo local**. Buenos Aires: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.

CAPPARELLI, Sérgio & LIMA, Venício. **Televisão e Globalização: os desafios na pós-globalização**. São Paulo, 2004.



DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão**: ensaios metodológicos. Porto Alegre: Sulina, 2004.

HALL, Stuart. (ed). **Representation**: cultural representations and signifying practices. London, Sage/The Open University, 1997.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, jul/dez, 1997a. p.15-46.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

HINERASKY, Daniela Aline. **O PAMPA VIROU CIDADE**: Um estudo sobre a identidade cultural nas produções de teledramaturgia da *RBS TV*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. UFRGS, Porto Alegre: RS, 2004.

_____. **Do sul ao sudeste**: a teledramaturgia como vanguarda nas tendências de programação das redes regionais de TV. Anais do 2º Colóquio Canadá-Brasil em Comunicações. Université du Québec à Montreal, Canadá, out. 2005.

_____. O Pampa virou cidade? Um estudo sobre a inserção regional na TV aberta gaúcha”. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, n. 31, p.182-200, 2003.

_____.; RONSINI, Veneza Mayora. **Audiência e comunidade imaginada dos produtores culturais**. Cadernos de Comunicação, Santa Maria, n. 5, p. 89-118, 2001.

JACKS, Nilda. **Mídia nativa**: indústria cultural e cultura regional. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

MORAES, Dênis de. **Planeta Mídia**. São Paulo: Ed Cultural, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, German. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

RONSINI, Veneza Mayora. Entre a capela e a caixa de abelhas (identidade cultural de gringos e gaúchos). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 179 p.

_____. O consumo da cultura: mídia, estilos juvenis e classes sociais. In: Ada C. M. da Silveira; Rogério Koff; Eugênia M.M. da Rocha Barichello; Gisele M Nussbaumer. (Org.). **Comunicação midiática**. Santa Maria: Facos/UFSM, 2002, v. , p. 129-168.

SCHIRMER, Lauro. **RBS**: da voz-do-poste à multimídia. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da [org]. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Carlos Alberto de. **O fundo do espelho é outro**: quem liga a *RBS* liga a *Globo*. Itajaí, Ed. da UNIVALI, 1999.